

## 7. PÓS ESCRITO

Uma referência necessária sobre o diagrama heurístico na figuração do modelo paradigmático da epistemologia de síntese.<sup>65</sup>

*“A humildade religiosa está em perfeito acordo com as pressuposições de uma sociedade democrática. Uma religião profunda deve reconhecer a diferença entre a majestade divina e a condição de criatura do homem; entre o caráter não condicionado de todo empreendimento humano. De acordo com a fé cristã, o orgulho, que procura esconder o caráter condicionado e finito de todo empenho humano, é a própria quintessência do pecado. A fé religiosa deve, portanto, ser uma fonte constante de humildade, pois deve encorajar os homens a moderar seu orgulho natural e atingir uma consciência satisfatória da relatividade até mesmo da afirmação da sua verdade máxima. Deve ensinar-lhes que a sua religião tem mais probabilidades de ser verdadeira se reconhecer o elemento de erro e pecado, de limitação e contingência que aparece mesmo na afirmação da mais sublime verdade. Historicamente, a forma mais desenvolvida de tolerância democrática baseia-se precisamente nessas conclusões religiosas. (...) Seu ponto de vista foi expresso na ‘Aeropagítica’, de John Milton e em ‘Smoke in the Temple’, de John Saltmarsh. O último expressa perfeitamente a humildade religiosa que deve formar a base da democracia religiosa: ‘Não assumamos’ declara êle, ‘qualquer poder de infalibilidade em relação um ao outro... pois o que é evidente para alguém é obscuro para mim e vice-versa... até que o Senhor nos esclareça a ambos para um discernimento semelhante.’ [NIEBUHR, Reinhold:1965, 94/95]*

Como aprendiz da ciência, formei desde as minhas primeiras reflexões sobre a “Ideologia e Utopia” de MANNHEIM<sup>66</sup>, uma compreensão das relações entre o **valor** e a **verdade**, que me acompanha ao longo de minha trajetória de vida. Essa convicção afirma: que não se confundem, mas que, no limite, são indissociáveis uma da outra, essas categorias; como também o são, por necessidade ou conseqüência o **ser** e o **dever-ser**, o **agir** e o **fazer**, na totalidade da consciência e da realidade. E disso resulta o imperativo de perseguir, com honestidade e clareza - os pressupostos sobre a mesa de trabalho intelectual, e as descobertas submetidas à disciplina da ação - o máximo de objetividade possível, no esclarecimento mútuo dessa tensão que nos cobra, permanentemente, a ambigüidade: do recolhimento na academia e do afrontamento no mundo lá fora.

<sup>65</sup> Excertos de AYDOS, Eduardo Dutra: “A Planície de Alétheia”, Tese de Mestrado, UFRGS, 1998, Capítulo 9: O Paradigma Ancestral na Epistemologia da Religião.

<sup>66</sup> A observação refere-se às aulas de Política I e II, ministradas pelo Prof. Leônidas Xausa, que foi o nosso mestre de iniciação, dos quadros que formam hoje o decanato da ciência política gaúcha.

Chegando, tardiamente, à síntese provisória desse entendimento - sobre o fundamento das coisas, a substância das formas e o mundo da vida - despojado, pelo sofrimento do ser, das concessões à vaidade das certezas cultivadas; e armado, pela inspiração do dever, contra as objeções da censura aos territórios proscritos pelo “não-saber científico”; sinto-me inteiramente à vontade para enfrentar um último desafio, e clarificar nele as razões finais, que me animam a oferecer à crítica esse texto... e no estado em que se encontra; o qual, desde logo se percebe, pela magnitude do seu escopo e pela esquemática da sua realização, inverte o parâmetro clássico da produção científica em épocas normais, constituindo-se em 90% de inspiração e, apenas, 10% de transpiração.

Não pretendo, com isso, dizer que não transpirei nesse empreendimento. Até porque acredito que, honesta e corajosa, toda obra intelectual é a transpiração de uma biografia. Mas haveria que trabalhar muitas vidas, para precisar conceitualmente e ajustar empiricamente, nas suas proposições, todo o espectro da epistemologia de síntese. E nem tenho a pretensão de, assim, invocar o gênio - que me tenha alcançado a fortuna da sua inspiração; mercê do que pudesse descartar o rigor - que me tenha exigido a virtude na transpiração necessária à conclusão dessa obra.

O que, simplesmente, pretendo é **manifestar a minha humildade, diante dos temas e da ancestralidade do paradigma que me propus descortinar!**

E, nada melhor para isso, como tributo, também, do respeito que devo, em forma de transpiração, aos meus interlocutores, do que explicitar a origem daquela inspiração. E nada mais importante, aliás, para a efetiva demonstração do caráter totalizante do paradigma em desenvolvimento nesta tese, do que submetê-lo a um derradeiro teste de consistência.

É assim que retorno ao ponto de partida, da minha experiência de vida e sala de aula, em busca do fundamento e do objeto que lhe deram origem: a PHÊNIX e a CRUZ, que, de alguma forma, simbolizam a essência dessa descoberta.

Como a PHÊNIX, três mortes eu vivi intensamente, que me deram a força de renascer na perspectiva do **AGIR COMUNICATIVO**, que, de alguma forma este texto realiza. Foi assim que me tornei mais atento, quando deixei a cidade e busquei o recolhimento do campo; mais denso, quando fui traído pelos meus próprios companheiros de caminhada e por eles linchado em praça pública; e mais profundo, quando reconheci a existência como tragédia e nela assisti a passagem de Fernanda.

E foi na meditação da CRUZ, em forma do PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO<sup>67</sup> - como o deparei um dia no esoterismo de UMBANDA - que eu visualizei o sentido - o qual tenho por universal - da totalidade como dialética triádica. Isso que, me reconstituiu a Vida e me amparou no mapeamento das categorias desse **FAZER COMUNICATIVO** que é a epistemologia de síntese.

---

<sup>67</sup> Referência ao MAPA-CHAVE nº 1, que integra a obra “UMBANDA DE TODOS NÓS - COMPÊNDIO HERMÉTICO” de W.W. da MATTA E SILVA, ED. Livraria Freitas Bastos, 7ª ed. 1992.

Relembrando esse afrontamento originário do tema, me acerco da conclusão dessa obra, retornando ao seu ponto de origem.

### 7.1 *A síntese de Plutarco sobre a VERDADE e o centro dos mundos do SABER... “de tudo que é e será”*

Uma visão de conjunto, é oportuno que seja descortinada neste ponto, para que se possa retomar, no encantamento de uma alegoria, o horizonte dessa investigação.

Como PLUTARCO, na sua visão da PLANÍCIE DE ALÉTHEIA [apud DETIENNE, 1981:64]<sup>68</sup>, percebi que a VERDADE se encontra no centro de **183 mundos**, reunidos em triângulo, a **razão de 60** por lado, **mais 3**, distribuídos um em cada ângulo. Trata-se de uma expressão cifrada do filósofo, cujo simbolismo exige interpretação. Em sua inspirada alegoria, no centro de um triângulo, que figura o centro dos mundos laterais da contingência e dos três ângulos que permitem enfocá-los, os **princípios e as formas de tudo que é e será**, jazem imóveis e são imutáveis. E são circundados pela ETERNIDADE - de onde o TEMPO foge como uma onda para os mundos.

As imagens de PLUTARCO são, desde logo, exotericamente significativas, eis que designam: os três lados de um triângulo, como três dimensões estruturais da realidade - ou três CAMPOS DE ESTRUTURAÇÃO DO SABER; e os três ângulos que permitem visualizá-los, desde pontos diferenciados do espaço, como três dimensões funcionais da realidade - ou três INTERESSES EPISTEMOLÓGICOS. Não obstante, a expressão de PLUTARCO encerra ainda, como uma chave para a corroboração dessa interpretação, um segundo nível de sentido.

De fato, segundo fórmula conhecida dos esoteristas<sup>69</sup>, o Valor Secreto de 60, é 1830. Desprezando-se, na interpretação, os zeros finais de 60 e 1830, verifica-se que a expressão de PLUTARCO designa o **número 6 - um hexágono ou uma estrela de 6 pontas - como o radical essencial dos 183 mundos existentes**. Caracteriza-se, assim, pela figura formada por dois triângulos invertidos, o **centro dos mundos**, onde ele situa a *Planície de Alétheia* - o locus da VERDADE. Essa que ali jaz, circulada pelos limites que nela estabelecem - como LEI - a validade universal dos princípios e formas que encerra; isso mesmo que PLUTARCO designa por ETERNIDADE.<sup>70</sup>

E o TEMPO, dirieis, que sentido faz?

---

<sup>68</sup> Referência ao texto citado na epígrafe da Introdução deste livro, à página 23.

<sup>69</sup> O Valor Secreto de um Número - que expressa o seu radical essencial - é obtida pela multiplicação deste Número por ele mesmo mais um, dividindo-se o resultado por dois.

<sup>70</sup> PLUTARCO, mesmo faz questão de corroborar essa interpretação, diz ainda que esse hexágono é formado por um triângulo que tem sessenta mundos de cada lado, mais três outros mundos que formam os três vértices de um segundo triângulo.

Ah! O TEMPO... É uma emanção da própria ETERNIDADE, nas suas ondas que se dirigem ao ESPAÇO dos mundos que lhe são exteriores. Sendo estes conformados pelos três lados - ou pelas três dimensões estruturais da realidade contingente; o TEMPO é a sua projeção funcional-existencial, como se fora uma quarta dimensão dessa totalidade vivida e refletida, conformada, a sua vez, pelos vetores de força, definidos pelos três ângulos dos interesses epistemológicos. Eis assim uma figuração descritiva, da **PLANÍCIE DE ALÉTHEIA** - o modelo formal que utilizei como recurso heurístico para a elaboração diagramática do paradigma triádico.

Não é exclusividade de PLUTARCO, entretanto, essa visão de mundo, que nos alcança o horizonte no conceito de ALÉTHEIA. Está presente no ensinamento dos grandes mestres de iniciação das Tradições Religiosas da Humanidade, desde tempos ancestrais. E informa a humilde pretensão dessa tese, de contribuir para uma operação de resgate intelectual, que permita reintegrarem-se na dignidade de um Saber reconhecido e respeitado, os conteúdos de VERDADE, que se tem estruturado nas tensões diádicas, que conformam o conhecimento elaborado e acumulado pela CIÊNCIA, pela FILOSOFIA, pela ARTE e pela RELIGIÃO.

## ***7.2. O princípio heurístico do círculo cruzado, como o arquétipo da reconstrução teórica na epistemologia de síntese.***

É comum, no processo da criação científica, que uma “iluminação” repentina - o estalo criador ou a *heureka* dos inventores - sintetize, num instante, a solução perseguida durante anos de trabalho sistemático, cumulativo e, aparentemente, infrutífero, do labor científico. O relato autobiográfico dos homens de ciência é prenhe dessas circunstâncias, que os socorrem nas mais imprevistas e acidentais circunstâncias. Num sonho de Niehls BOHR, por exemplo, foi literalmente “(des)coberta” a hipótese básica sobre a estrutura do átomo. Isso que faz, também, do movimento sutil do pensamento - caracterizado pela dinâmica das suas infralógicas - um divisor de águas, que demarca pela inspiração, o espaço e o tempo entre duas transpirações do homem de ciência - entre o trabalho-de-dentro de um paradigma estabelecido, e o trabalho-de-fora da sua coerção, que legitima uma visão alternativa da ciência e do mundo.

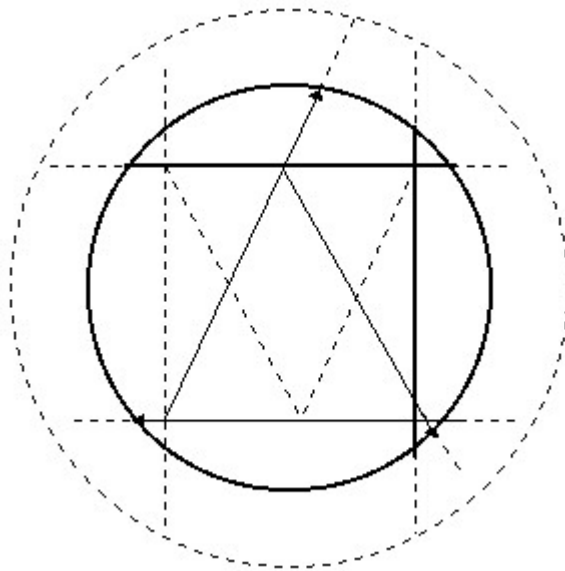
O conceito básico, em torno do qual se construiu toda a elaboração do modelo paradigmático da epistemologia de síntese, não constitui uma exceção a essa regra: da utilização heurística de uma idéia, de um modelo, de uma forma, como princípio de organização, em torno da qual, questiona-se o conhecimento estabelecido e se justifica a pesquisa exploratória - na perspectiva da sua consolidação como Saber ou, mesmo, na busca da sua corroboração.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> Não se confunda esse termo com a idéia expressa pelo conceito do “wishfullthinking”. Essa se constitui, provavelmente, na maior objeção que o trabalho de demonstração - pela argumentação persuasiva e pela corroboração empírica - necessário à legitimação de um novo paradigma ou mesmo de uma teoria nova, precisa enfrentar no seu esforço legítimo de auto-confirmação. O “wishfullthinking”, não obstante, apresenta duas características marcantes, que o afastam diametralmente da metodologia do nosso trabalho: trata-se de um “bias” de fundo inconsciente, cujos pressupostos são velados à crítica; e trata-se de um

Para nós, esse modelo constituiu-se no **PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO**, como foi **originária, abstrata e hermeticamente definido** [no MAPA-CHAVE Nº 1 - que figura a LEI DE UMBANDA], como a forma “*como a Unidade se manifesta pelo Ternário e daí gera o Setenário, de acordo com o cruzamento do círculo*” por **W.W. da MATTA E SILVA** [1992:45], que assim o desenhou (Quadro 22).

**Quadro 22: Figuração do Princípio do Círculo Cruzado em Matta e Silva [1992]**



O diagrama proposto por Matta e Silva, aos que assim o desejarem, imediatamente, **trata-se apenas de uma forma**, como um triângulo é apenas um triângulo, e um círculo é apenas um círculo. E como forma, desempenhou uma função heurística na elaboração do modelo teórico - do paradigma da epistemologia de síntese. De fato, em boa medida, nós o utilizamos neste sentido próprio. Da mesma maneira como também os cientistas da natureza, orientando-se pelo esquema *morfológico* da “tabela periódica” - com seus “espaços vazios” - foram, gradativamente, (des)cobrir os diferentes elementos da matéria, cuja forma atendia às especificações estruturais do esquema morfológico pré-estabelecido.

Mesmo **neste patamar mínimo de empatia**, relativamente à relevância e às implicações do enquadramento originário da **forma**, há que se considerar o fato que esta **forma** tornou possível estabelecer pressupostos e, quase diria, uma linguagem comum a distintos campos do Saber, resgatando nisso um significativo potencial de entendimento e conhecimento.

---

solução desejada, para um problema não resolvido. A epistemologia de síntese, bem ao contrário, expõe sobre a mesa de trabalho todos os seus pressupostos e enfrenta decisivamente o problema de se constituir numa solução incômoda, para problemas teóricos que de há muito já se encontram equacionados.

De fato, tem essa origem determinada, que por honestidade intelectual e gratidão pessoal não poderíamos deixar de referenciar, a forma geométrica, que denotou a alegoria da PLANÍCIE DE ALÉTHEIA ao nosso entendimento. Essa mesma forma que, heurísticamente, orientou a nossa pesquisa na elaboração dos conceitos e relações que esse entendimento permite mapear e que se expressam, ao longo de toda a nossa obra, no potencial de conhecimento desvelado pelo modelo paradigmático da epistemologia de síntese.

Daí porque, também, essa investigação - **convenientemente, sob o ponto de vista metodológico, e necessariamente, sob o ponto de vista ético** - deva concluir pela identificação e clarificação dessa mesma origem, de sorte a permitir ao leitor, uma análise da forma, na perspectiva do seu conteúdo primordial.

Note-se bem, que, uma vez elaborada a intuição, independe a avaliação do conteúdo do paradigma exposto, nas suas diferentes áreas de aplicação, da convicção que o leitor possa esboçar, e da empatia que possa manifestar, relativamente aos cânones de sua origem religiosa nos postulados de UMBANDA, que estão implicados na formulação originária do PRINCÍPIO DO CÍRCULO CRUZADO.

Não será razoável, entretanto, afirmar-se uma completa dissociação da forma e do conteúdo. De sorte que, de alguma maneira, a pertinência do que tiver sido exposto ao longo desse volume, resultará em crédito à inteligência contida na fórmula original da intuição hermética de MATTA e SILVA, publicada em 1933, na sua “UMBANDA DE TODOS NÓS” [7ª ed. 1992] e desenvolvida posteriormente por RIVAS NETO em sua “UMBANDA - A PROTO-SÍNTESE CÓSMICA” [1989].

Para fixar esse ponto, vamos, novamente, estabelecer um paralelo, com o sonho de Niehls BOHR - que viu um sistema solar regredir ao infinito, buscando nessa visão o esquema morfológico que necessitava, para derivar - da analogia do infinitamente grande com o infinitamente pequeno - as hipóteses que fizeram avançar a pesquisa sobre a estrutura elementar da matéria.

Não será necessário, a partir daí, dormir e sonhar como Niehls BOHR, ou partilhar das razões e das ansiedades que o levaram a esse sono profundo e fecundo, para que se possa compreender e avaliar o seu trabalho; da mesma forma como, não será necessário partir-se de uma conclusão sobre a correção ou incorreção da hipótese básica de Galileu GALILEI, sobre o movimento da Terra em torno do Sol [cuja concepção se expressou no sonho e na visão de BOHR] para se fazer uma avaliação do estado da arte na moderna física nuclear.

Mas, é forçoso creditar, de alguma forma e ainda que indiretamente, a GALILEU e à ciência da astronomia, a originalidade da descoberta de BOHR e dos avanços da moderna física nuclear. E será, também, muito difícil evitar-se, a partir daí, que os

desenvolvimentos ultrírrimos da física nuclear deixem de influenciar - para corrigi-las, corroborá-las ou refutá-las - as hipóteses básicas da física astronômica...

O mesmo raciocínio se aplica à apropriação, que este estudo realizou, dos postulados da Tradição de Umbanda na obra raiz de MATTA E SILVA [7ª ed. 1992]. Saliente-se, também, a continuidade dessa corrente de pensamento na obra mediúcnica de seu discípulo, e intérprete autorizado, F.RIVAS NETO, cuja “UMBANDA - A PROTO-SÍNTESE CÓSMICA”, tem sido um referencial amplo e estimulante para o diálogo, que este texto buscou desenvolver entre os Saberes.

### ***7.3 A guisa de uma conclusão provisória: a natureza última do desafio enfrentado e uma exortação à humildade do seu recolhimento.***

O ARQUÉTIPO do modelo paradigmático, aqui desvelado pela intuição, no Princípio do Círculo Cruzado, clarifica-se ao final dessa obra, simplesmente, porque lhe esteve sempre subjacente, desdobrando-se simbolicamente em cada paragem do nosso percurso. Eis que, assim, ao termo desse exercício de investigação e formalização paradigmática, convém justificar e fundamentar essa opção conscientemente empreendida, pelo afrontamento que nos propiciou ao desafio formulado por RICOEUR:

“Estamos hoje em dia à busca de uma grande filosofia da linguagem, capaz de explicar as múltiplas funções do significar humano e suas relações mútuas. Como a linguagem é suscetível de usos tão diversos quanto a matemática, a física e arte? Não é por acaso que colocamos, hoje, essa questão. Somos precisamente esses homens que dispõem de uma lógica simbólica, de uma ciência exegética, de uma antropologia e de uma psicanálise, e que, talvez, pela primeira vez, são capazes de englobar, em uma só, a questão do remembramento do discurso humano. Com efeito, o próprio progresso de disciplinas tão díspares quanto as que mencionamos evidenciou e ao mesmo tempo agravou o deslocamento desse discurso. A unidade do falar humano constitui hoje problema.” [RICOEUR, 1977, p. 15].

Percorremos um longo e tortuoso caminho. A bússola que nos serviu de orientação, nós a encontramos na própria natureza simbólica dos conteúdos aqui trabalhados. E, particularmente, nos orientamos pela exploração plena de uma Tradição religiosa que, muitas vezes reprimida no cotidiano da existência, forçou passagem ao entendimento, em circunstâncias críticas de nossa experiência de vida.

O resultado alcançado parece consistente com a percepção de RICOEUR; o qual, embora em contexto e perspectiva diferenciada, escreveu sua obra em condição análoga de motivação: “*Em termos gerais, direi: todo ‘mythos’ comporta um ‘logos’ latente que exige ser manifestado. É por isso que não há símbolo sem um início de interpretação. Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar*” [RICOEUR, 1977, p. 26]. Mérito que creditamos às fontes da perscrutação, a que nos conduziram o entendimento e o processo da vida, permitindo-nos, em síntese, **sobreviver e dar um testemunho**: do militante político, numa comunidade acadêmica; do cientista,

no afrontamento do poder político; do neófito, na especulação de Tradições arcanas; e do homem de religião, numa cultura laica e cientificista.

Foi demasiado **OUSAR**, talvez, essa ultrapassagem do limiar de segurança das fronteiras atuais do fazer epistemológico. Mas trilhamos um caminho sinalizado por ilustres precursores, como uma reação necessária e indispensável à autopreservação do Saber, hoje comprometida pelo fato que: *“o avanço da especialização torna impossível ao cientista, e já não apenas ao cidadão comum, compreender o que se passa (e por que se passa) à volta do habitáculo (cada vez mais estreito) em que vive em Scientiápolis [SANTOS 1989:12/13].*

Como exercício desse nosso **QUERER** percorremos um caminho transversal, acreditando que, para romper o avanço da especialização cientificista, que o torna cada vez mais incapaz de compreender o mundo que o cerca, e assim o próprio sentido dos conteúdos que manipula, **o homem de ciência precisa se impor o desapossamento do conteúdo narcisista da consciência, que integra o círculo vicioso de sua auto-confirmação.**

Amparou-nos, a perspectiva de um **SABER** mais amplo - contraditório, mesmo, dessa tendência autodestrutiva, que enraíza nos cânones, cuja ortodoxia quebramos.

Resta agora **CALAR**, **para que a geração do que foi plantado prossiga, no seu tempo e lugar.**